

O QUEIJO E OS RATOS: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES POR MEIO DE PROCESSOS DE EFERVESCÊNCIA

THE CHEESE AND THE MICE: STUDY OF REPRESENTATIONS BY MEANS OF EFFERVESCENCE PROCESSES

Ricardo Cortez Lopes¹

RESUMO

De acordo com a perspectiva da Teoria das Representações sociais, a representação do animal rato se associa com a do queijo como forma de produção de um saber compartilhado, no qual os ratos comem (e gostam) de queijo. O intuito desse artigo é problematizar esse saber coletivo por meio das efervescências que a construíram como tal, criando a associação entre as representações. A metodologia teve abordagem qualitativa, de natureza básica, objetivo explicativo e cujos procedimentos foram documentais, o que nos fez promover uma revisão das recorrências da associação, buscar hermenêuticamente a efervescência que deu origem a essa fusão. Por fim, tecemos considerações teóricas e que visam criar uma ponte possível, tais como uma efervescência medieval produzindo a associação de maneira mais assertiva, embora existam outras de épocas distintas a produzindo sem explicitar um vínculo causal.

Palavras-Chave: representações, efervescência, rato, queijo.

ABSTRACT

According to the perspective of the Theory of Social Representations, the representation of the rat animal is associated with that of cheese as a way of producing shared knowledge, in which rats eat (and like) cheese. The purpose of this article is to problematize this collective knowledge through the effervescence that built it as such, creating an association between the representations. The methodology had a qualitative approach, of a basic nature, explanatory objective and whose procedures were documental, which made us promote a review of the recurrences of the association, search hermeneutically for the effervescence that gave rise to this fusion. Finally, we weave theoretical considerations that aim to create a possible bridge, such as a medieval effervescence producing the association in a more assertive way, although there are others from different times producing it without making a causal link explicit.

Keywords: representations, effervescence, mouse, cheese.

¹ Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Curadoria de Materiais no Instituto Médico Brasileiro de Ciências Médicas (IBC MED). E-mail: rshicardo@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0808-7203>.

Introdução

O saber social, muitas vezes, funciona de maneiras aparentemente aleatórias, o que abre espaço para uma ciência que busque dar algum sentido para essas aleatoriedades – como é o caso da sociologia ou as ciências da cultura. Uma dessas é a asserção de que ratos apreciam queijo enquanto alimento, o que se torna um código comunicacional: (rato∪queijo). Vamos observar, adiante, que essa associação ocorre em diversas culturas em distintos tempos históricos, o que justifica o interesse do assunto para as ciências humanas.

Essa pesquisa investigou essa relação por meio do conceito de efervescência, de origem durkheimiana. A ideia foi problematizar essa categoria naturalizada (a associação rato-queijo) por meio de um ferramental investigativo propriamente sociológico. Assim, o intento foi produzir uma explicação sociológica da criação dessa associação. Do ponto de vista da linguística, existe a seguinte legitimidade pelos gestos de leitura:

Na medida em que a explicação consiste assim em "remeter as regras e seu fundamento", pode-se dizer que a boa retórica está a serviço de uma pedagogia da verdade: a retórica das figuras aparece então ao mesmo tempo como um sistema de erros pedagogicamente necessários para atingir a verdade, com, coextensivamente, a ameaça constante de uma escapada para fora da verdade, de um passeio do homem entregue à imaginação (e ao não-ser) (PÊCHEUX, 1995, p. 45).

Como podemos perceber, a leitura dos símbolos por parte da linguística se beneficia muito por essas ideias compartilhadas no tecido social, mesmo que elas não sejam conceitualmente acertadas. Isso porque a linguagem, de fato, vai refletir a cultura, então estudar essas ideias espontâneas do senso comum é benéfico no geral:

Contrariando tal ideia, alguém afirmaria que a famosa e frequente associação entre a árvore e a serpente, por exemplo, deve-se unicamente à observação (que ocorre nos países em que há serpentes) de que tais répteis fazem seus antros ao pé das árvores. Mesmo sem descartar a possibilidade de tal ideia, observamos que ela não explica, por exemplo, o sentido deste símbolo na história da tentação bíblica. O simbólico vai mais além. Neste caso, vários aspectos remetem à relação análoga que há entre a serpente e a árvore: o seu caráter linear, a semelhança da serpente com as raízes, a dualidade bem e mal (enquanto a árvore eleva os ramos ao sol, como adoração, a serpente espera por sua presa para matá-la) (RIBEIRO, 2010, p. 49).

Podemos perceber, no trecho, que no caso apresentado há uma associação entre os símbolos de serpente e de árvore, mas essa significação foi construído alheio à biologia. O

intento, no espaço desse artigo, é um esforço parecido, porém com um símbolo que parece ter uma peneridade mais universal às diferentes culturas, como veremos adiante.

O percurso deste texto será o de apresentar o referencial teórico e, posteriormente, analisar manifestações de diferentes efervescências e, por fim, encontrar aquela que deu origem para a associação. E, uma vez que se trata de um saber coletivo impactando de uma percepção, encerramos o texto com teorizações entre a sociologia e a psicanálise a partir do caso estudado.

Efervescência e Discussão Metodológica

De acordo com Durkheim (2003), de uma perspectiva mais panorâmica, a efervescência é um processo de união de mentes e que serve para a formulação de representações coletivas, a serem compartilhadas pelos indivíduos. Este estudo, portanto, se vincula à concepção teórica de Durkheim por focar nas efervescências que levaram à associação entre as categorias /rato/ e /queijo/.

Apesar de ter fama de conservador entre muitos sociólogos (conf. VARES, 2016), Durkheim possui um estudo sobre a mudança na sociedade, o que ficou mais ressaltado quando ele mudou seu enfoque da consciência coletiva para as representações coletivas (PINHEIRO FILHO, 2004). Nisso podemos observar como as representações vão se sucedendo entre si, evidenciando a mudança (que ele chamava evolução, herança do positivismo). Atualmente, essa noção de representação – que não foi um conceito criado por Durkheim (LOPES; MARTINEZ; DA SILVA, 2022) – resultou em muitas escolas e tradições, como a teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978) e derivações, como a teoria do Núcleo Central (SÁ, 1996) e a Teoria dos Contextos Representativos, que trata de representações em um mesmo contexto (como por exemplo as diferentes representações interagindo para contruir o contexto <Rato>). Neste texto, o intento específico é avaliar a construção da interrelação entre uma representação de rato e outra de queijo.

Um primeiro passo, portanto, é definir o que é representação para Durkheim (2007), um dos vários tópicos de sua complexa sociologia. Para esse autor, existe uma dualidade: há a representação individual, que é o destino dos estudos da psicologia, e também as representações coletivas, que são aquelas compartilhadas dentro da sociedade estudada e que são comuns aos membros dessa coletividade. Porém, existe uma dinâmica, mais especificamente uma dinamogenia das representações. Assim, a criação de representações coletivas ocorre por meio do processo de efervescência:

Um [...] ponto relevante na categoria durkheimiana de representações coletivas é que elas são criadas coletivamente, a partir de um processo de efervescência: as representações coletivas de uma dada coletividade são colocadas em dúvida por acontecimentos, e o que se sucede é um processo de deliberação espontâneo, no qual há violência envolvida. As novas representações, portanto, têm uma origem histórica, mas essa temporalidade é “esquecida” por adquirir um caráter sagrado intocável. É importante ressaltar que é esse caráter sagrado que confere o bem e o dever das representações coletivas, que se tornam as mais elevadas e que, por isso, são compartilhadas por uma sociedade inteira (LOPES, 2019, p. 65).

Em síntese, a efervescência é o processo pelo qual as representações coletivas são substituídas por outras que já perderam sua validade, pois o contexto social já mudou e elas perderam seu valor explicativo. Ela ocorre quando as representações coletivas anteriores já não são mais adequadas para dar sentido para a realidade atual, e é disparado um processo de deliberação para a formulação de novas e que sejam mais adequadas para a nova realidade.

Nesse caso, a efervescência (2003) ocorre quando os valores já consolidados não explicam mais o mundo; Assim, a efervescência vai propor uma outra leitura de realidade, porque o contexto mudou ou a leitura anterior mostrou-se errada. Porém, nesse momento de efervescência, os valores anteriores ainda são os mais compartilhados.

Metodologicamente, como se buscam as efervescências e como mobilizamos essa abordagem na presente pesquisa? De maneira geral, é preciso realizar uma mirada ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica, pois o momento atual demonstram as efervescências atuais e que, por contraste, permite perceber novas tendências (que são possíveis efervescências) e representações que não são mais compartilhadas, o que evidentemente as colocam como resultantes de efervescências anteriores. Dado essas características, a metodologia teve abordagem qualitativa, de natureza básica, objetivo explicativo e cujos procedimentos foram documentais

Os ambientes online potencializam a busca das efervescências por facilitar tanto a consulta de artefatos culturais quanto da periodização dessas inserções, permitindo uma distinção entre as efervescências e a detecção dos contextos. Dessa maneira, no motor de busca google, buscamos pelo termo “rato queijo” e apreciamos as páginas de resultados – afinal, a presença online de algum conteúdo cultural é um indicador de seu compartilhamento e comunicação.

As representações isoladas: os ratos e os queijos

Antes de analisar a associação entre as representações, é mister apreciá-las individualmente para entender os seus traços constitutivos e quais destes podem se relacionar entre si. Por esse motivo, vamos abordar alguns tópicos de ciências naturais para compreender aquilo que é ressignificado socialmente. Curiosamente, ambos são artefatos multiculturais e que apresentam grande variedade de formas, como veremos, verdadeiros amálgamas entre natureza e sociedade.

O queijo é um alimento que possui uma origem bem remota: “É comumente aceito que o queijo surgiu no crescente fértil entre os rios Tigres e Eufrates, no Iraque, há 8.000 anos, durante a chamada revolução agrícola, ocorrida com a domesticação de plantas e animais” (PAULA; CARVALHO; FURTADO, 2009, p.19). Porém, em outras dimensões, há ainda um conceito bio-físico de queijo:

O leite constitui uma excelente fonte de nutrientes para as bactérias que o contaminam, algumas delas utilizam o seu açúcar (lactose) como fonte de energia produzindo ácido láctico. Essas bactérias são denominadas Bactérias Lácticas e crescem bem à temperatura ambiente. Quando uma quantidade suficiente de ácido é produzida, a principal proteína do leite (caseína) coagula no seu ponto isoelétrico (pH 4,6), dando origem a um gel que prende a gordura e a fase aquosa. A teoria mais provável do seu surgimento coincide com a domesticação de cabras e ovelhas, quando pastores observaram que, acidentalmente, o leite acidificava e separava-se em massa e soro, sendo que essa massa moldada e mais seca resultava em um alimento nutritivo e de fácil obtenção. Foi observado que a coalhada ácida gerada possuía alguma estabilidade ao armazenamento e que, quando desidratada e salgada, essa estabilidade era aumentada consideravelmente. Outra teoria muito comentada baseia-se no fato de que, antes da utilização das cerâmicas (aproximadamente 5.000 anos a.C.), a estocagem de leite em bolsas feitas de peles ou estômagos de animais era possivelmente comum e, ao ser estocado em tal recipiente, o leite entraria em contato com enzimas coagulantes do tecido animal e se coagularia durante a estocagem, liberando o soro (PAULA; CARVALHO; FURTADO, 2009, p. 19).

Podemos observar, a partir dessas considerações biológicas, é que a extração de leite mamífero é a origem do queijo, sendo a sua estocagem a oportunidade que possibilita sua fermentação microbiana. Ou seja, o queijo necessita de um tempo isolado para ser viabilizado a baixa temperatura e também de um espaço de armazenamento, porém também possui uma durabilidade maior. Ora, esse mecanismo de espera e de guarda é o que deixa o produto vulnerável ao ataque de animais como o próprio rato.

A fabricação de queijo acompanha a expansão da civilização pelo leste mediterrâneo, Egito, pela Grécia e por Roma. Existem várias referências sobre queijos no Velho Testamento, na parede de tumbas egípcias antigas e na literatura clássica grega. A fabricação de queijos foi realmente estabelecida com o advento dos estados feudais e mosteiros de onde os conhecimentos adquiridos eram passados para as gerações sucessoras. Como eram comunidades essencialmente autosuficientes com poucas viagens entre elas e pouca troca de informações, isso explicaria o fato de existirem centenas de variedades de queijos com características bem definidas, obtidos da mesma matéria-prima. Tradicionalmente, as variedades de queijos eram produzidas em uma determinada região, delimitada geograficamente, especialmente em áreas montanhosas (PAULA; CARVALHO; FURTADO, 2009, p.20).

O queijo é qualitativamente diferente, e é uma composição das condições de cada região no qual ele se desenvolve. Por esse motivo há uma enorme variedade de queijos, dado essas variáveis elencadas: o animal que produz o leite, o clima onde ocorre a fermentação, o espaço geográfico onde se organiza a produção, etc. Dessa maneira, o queijo produzido em uma localidade serve como uma fotografia da cultura e dos recursos naturais.

Sobre os animais ratos, qual é o seu conceito? Segundo um dicionário: “Mamífero roedor, da família dos murídeos, grandemente danoso às despensas e celeiros, de origem asiática” (RATO, s/d, s/p). Como podemos notar, a definição denotativa apela, grandemente, para a questão do dano. Como ocorre do ponto de vista biológico?

A palavra rato é atribuída a vários elementos da família dos roedores. Os ratos caracterizam-se por ter corpo cônico, orelhas eretas, cauda longa e dentes incisivos com crescimento contínuo, responsáveis pela sua enorme capacidade destrutiva (OLIVEIRA, 2019, p. 115).

Outra característica dos ratos seria a sua capacidade reprodutiva, que o faz gerar muitos indivíduos por gestação, constituindo uma ninhada com muitos filhotes, o que favoreceria sua proliferação. Essa é uma das características do animal, outra é o seu cosmopolitanismo² (assim como o próprio queijo):

A origem do rato não é totalmente conhecida, mas sabe-se que sempre acompanhou o Homem, de forma comensal, partilhando habitat e comida, tendo também participado das suas migrações. As evidências paleontológicas sugerem que o rato e o Homem estão em contato desde o Pleistoceno. No início, o rato que existia era sem dúvida um rato selvagem pertencente à família Muridae e da espécie *Rattus rattus*. *Rattus rattus* é um animal de pelagem negra, com preferência por climas quentes, que terá chegado à Europa entre 400 a 1100 antes de Cristo, vindo da Índia. Mais tarde, durante o século XVI, em concreto em 1553, através de barco, terá migrado da Noruega para

² Cosmopolitanismo é a característica de algo estar presente em todos ou em muitos lugares do mundo.

Inglaterra uma outra espécie de rato - *Rattus norvegicus* - cuja origem remonta à China, mais precisamente à região ocupada atualmente pelo Sul da Rússia e pelo Norte da China, local onde ainda vive atualmente em habitat natural. Outra versão da história sugere que o rato terá vindo da Rússia para a Europa, quando atravessou o Rio Volga, num enorme evento migratório. *Rattus norvegicus* adaptou-se com facilidade às condições climáticas da Europa, multiplicou-se, expandiu a sua população e fez com que o seu antecessor (*Rattus rattus*) se visse obrigado a migrar para o Sul da Europa. O mesmo terá sucedido na América do Norte, aonde *Rattus norvegicus* também terá chegado de barco (OLIVEIRA, 2019, p. 115).

É claro que a representação produzida socialmente ocasiona uma reprodução parcial do referente. Um dos episódios mais marcantes na construção dessa reprodução foi o da peste negra:

Entretanto, durante o século XIV abateu-se sobre a Europa uma grande pandemia, a Peste Negra, causada por uma bactéria (*Yersinia pestis*) transmitida ao Homem pela picada de uma pulga (*Xenopsylla cheopis*), cujo hospedeiro era o rato (*Rattus rattus*). Esta doença vitimou aproximadamente 150 milhões de pessoas, um terço da população do velho continente. Nesta altura a perseguição ao rato tornou-se uma realidade cruel. Contudo, é importante frisar que a peste se devia à picada da pulga e não ao contato com o rato (OLIVEIRA, 2019, p. 115).

Em uma avaliação produzida por nosso referencial teórico, a Peste Negra constituiu-se também num momento de efervescência e que criou um parâmetro negativo para se representar o animal rato, tornando-o algo a ser eliminado – embora, cientificamente, fosse a pulga o vetor da doença, e não propriamente o roedor. Além desse contato cultural, no entanto, há uma utilização mais instrumental do roedor, pois estes animais são utilizados em laboratório porque possuem o metabolismo semelhante ao do ser humano, possibilitando perceber os efeitos de experimentos. Logo, essa contante relação homem-rato gera uma grande variedade de representações.

As representações empiricamente unidas e a provável efervescência

Nesta seção, demonstramos, empiricamente, como ocorre a associação entre as representações de queijo e rato. Vamos observar que a associação também é cosmopolita, tanto temporal quanto culturalmente, pois cruza distintas culturas. Na antiguidade clássica, por exemplo, “Sêneca joga com a palavra “rato” que, em latim, é um monossílabo (*mus*), daí as traduções “rato é uma sílaba” e “a sílaba rói o queijo”.” (BREGALDA, 2009, p.113). Nesse

caso, o rato está roendo exatamente o queijo, e não outros alimentos possíveis e muito mais clássicos dos gregos, como os cereais. Assim sendo, historicamente, a referência é bastante antiga, e a literatura, aqui, serviu como ilustração de uma efervescência e que se eternizou justamente pela mídia.

Uma mídia importante são os desenhos animados, onde a associação se repete à exaustão, e como exemplo representativo trouxemos o famoso desenho Tom & Jerry:

Figura 1: frame de Tom & Jerry (1940-1967)



Fonte: Adaptado de Varella (2013). Acesso em mar. 2023.

Podemos observar que Jerry carrega um queijo enorme e furado, o de tipo suíço. O furo é o que ocasiona a identificação do queijo em si em tela, e o recorte em prisma triangular dá a ideia de que ele estava antes em formato redondo, o que aponta para um artesanato dele e sua estocagem ao ar livre (sem embalagens industriais, pois o rato não a removeria). A foto também evidencia que o queijo é maior que Jerry, o que indica que o próprio está em um contexto de maior escassez. Ademais, essa escolha por esse queijo e por essa relação por meio dos *cartoons* não é espúria:

Far fewer, we would venture, have actually observed mice eating cheese. Where does the cheese-to-mouse link come from? One source may be indirect perceptual experience, for example, watching cartoon mice eat cartoon cheese. But a major source of this knowledge is not perceptual at all (PERRY; LEWIS; LUPYAN, 2020, p.1893)

Podemos perceber que a escolha pelo queijo suíço implica em um cenário para a fuga, reforçando o outro binômio, o de gato-rato. Nesse sentido, o rato busca o queijo e promove a aproximação do gato domesticado, que protege a alimentação humana por um mecanismo ecológico de protocooperação e, assim, é criado o mote para o conflito infundável entre Tom & Jerry.

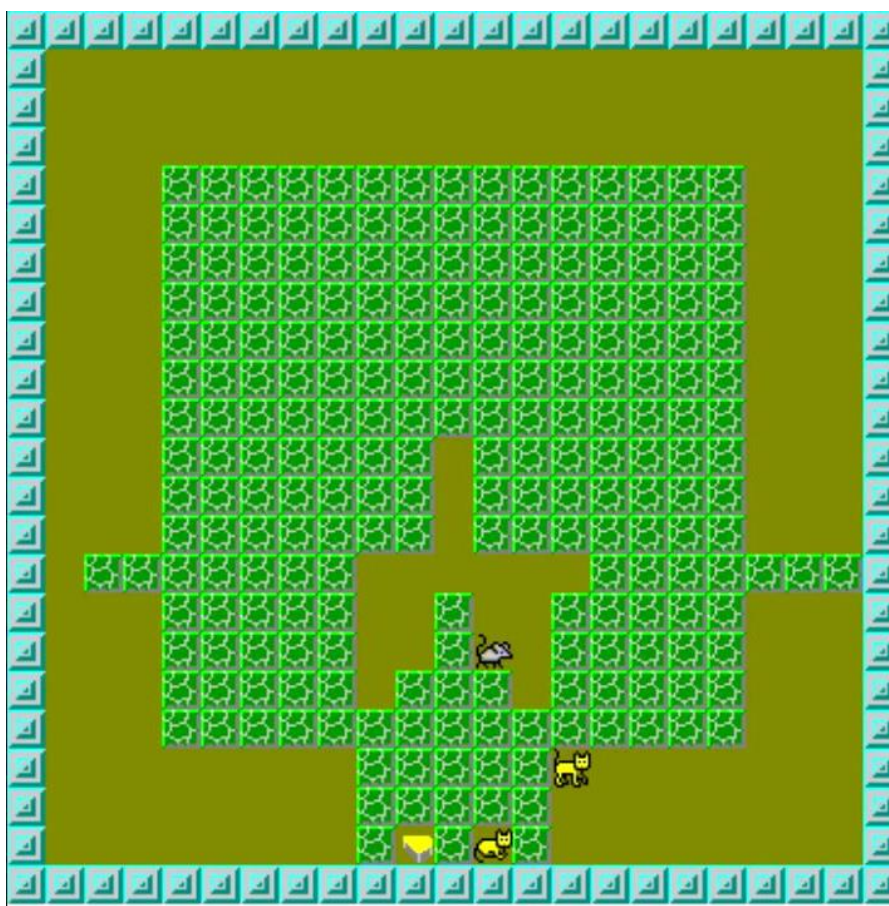
Outro lugar em que essa representação possuiu recorrência foi na educação:

Neste contexto, serão introduzidas as bases do pensamento computacional, objetivando estimular os participantes a resolver inicialmente alguns problemas introdutórios, aproveitando ao mesmo tempo para familiarizá-los com o ambiente de programação visual e, em seguida, desenvolver um jogo digital tendo como cenário a problemática da caça ao rato (ver Figura 2) a fim de adquirir as habilidades necessárias de forma lúdica e divertida [...] O rato se move em direção ao queijo com o intuito de comê-lo e o gato se move em direção ao rato com o intuito de capturá-lo (MADEIRA, 2017, p. 721).

Neste caso, o recurso é didático: o aluno sabe que o rato tem impulso para buscar o queijo. Por meio dessa inserção, o programador prevê aquilo que vai programar e o que vai ser entendido pelo usuário, pois ambos pactuam que o rato almeja o queijo. A mesma lógica se aplica para a educação infantil: “Ademais, o livro [infantil], bem como o uso da cor amarela, faz referência ao queijo, que se relaciona com o rato” (GONÇALVES; ALMEIDA; MARTINS FILHO; 2015, p.9). Podemos observar que houve uma associação direta: a cor amarela com queijo (sendo que há queijos de outras cores) e do queijo com rato. É, portanto, uma livre associação: o queijo é menos relacionado com outras variedades de queijo e com o fungo original do que com o rato em si.

Um último exemplo é um jogo, Rodent’s Revenge, de 1991:

Figura 2: jogo baseado na associação rato-queijo



Fonte: Adaptado de Rodent's Revange (2017). Acesso em mar. 2023.

Nessa foto, podemos ver um outro “vértice” da relação, que é o gato, e que se relaciona diretamente com o rato e não com o queijo – assim como o cachorro se relaciona apenas com o gato e não com o rato, embora isso ocorra na natureza de fato. Esse ponto em específico fica reforçado, por exemplo, pela letra “A velha a fiar”: “Estava o rato em seu lugar/Veio o gato lhe incomodar/O gato no rato”. Esse ponto também é reforçado pelo desenho animado anterior. Podemos, por fim, também relatar o provérbio popular português: *Suspiro de rato não derruba queijo*, que é uma analogia ao exagero de expectativa frente à falta de ação humana. Dessa maneira, o queijo, novamente, aparece como a aspiração, e o rato como o homem, o que reforça a dualidade e que produz a associação.

O que todas as manifestações fazem é reforçar a existência de uma associação de representações, unidas por uma mesma efervescência. No entanto, podemos observar a existência de uma efervescência oposta, esta proposta pela ciência: os ratos não apreciam tanto o queijo, como mostra essa entrevista com o pesquisador David Holmes (MIRSKY, 2006), especialista em comportamento animal:

Isso pode ser prejudicial ao pet. Não é realmente o que eles querem, e eles geralmente torcem o nariz para queijos picantes, como queijos ricos em Stilton. Essas coisas são feitas para o gosto gourmet dos seres humanos e não são feitas para ratos, e em toda a evolução do rato, ele não se deparou com queijo ³.

Podemos perceber, portanto, que o senso comum associa rato com queijo (nas primeiras efervescências), e a ciência, por outro lado, afirma que não é sua comida favorita, mas sim que eles a digerem quando não há nenhuma outra opção - o que é bem diferente de associar como gosto principal, pelo qual se corre risco de vida. Assim, colocar queijos em ratoeiras ou alimentar animais de estimação com queijo é fruto de uma premissa errônea, e que influi na saúde dos indivíduos – o que mostra como as representações influenciam o comportamento humano. A ciência, portanto, tenta promover uma nova efervescência ao afirmar que os ratos não gostam de queijo, contrariando a perspectiva anterior. Esta, porém, não parece ter tido uma maior repercussão, pois segue sendo ofuscada pela associação rato-queijo.

Admitamos que a segunda efervescência possui um maior número de evidências empíricas: houve os experimentos em laboratórios sobre o comportamento animal e toda a metodologia está relatada em livros e artigos científicos. No entanto, é possível pesquisar também por meio da ciência a origem dessa primeira efervescência (lida enquanto senso comum), de por que o imaginário social foi induzido ao “erro”, quando se fala de obras literárias antigas, que falam de um rato: “[...] do campo, que prefere a frugalidade da alimentação à base de cevada e grãos às iguarias: açúcar mascavo, ameixas, e apetitosos queijos [...]” (COUTINHO, 2012, p.78). Esta versão contada é a menos precisa historicamente, mas dá conta da presença dos ratos perto de celeiros, mesmo que sem nenhuma localização temporal específica, o que a torna uma informação menos precisa. Outro texto afirma que: “Esta lenda surgiu somente porque, na época medieval, os armazéns eram lotados de queijo e este era o único alimento disponível para os ratos” (NUTRIÇÃO E SAÚDE, 2019, s/p). Assim, a limitação de gêneros alimentares de outras épocas e o processo de fermentação deixavam o alimento exposto e colaboraram para que os ratos aproximasse-se do alimento queijo (por sua convivência com o ser humano), o que lhe daria uma fonte nutricional abundante e de esforço menos intenso, o que aumentaria a taxa reprodutiva, em uma espécie de círculo vicioso. Note-se que o homem, ao afastar predadores e gerar dejetos, promove a aproximação com o rato, e a relação deles com o queijo foi tão forte nesta época que incidiu na efervescência que

³ Do original: “That can be harmful to the pet. It's not really what they want, and they usually definitely turn their nose up at pungent cheeses such as Stilton--rich cheeses. These things are made for the gourmet taste of human beings and they are not made for mice, and in all of the mouse's evolution, it did not come across cheese”.

gerou a aproximação das representações até os dias atuais. Porém, apenas apontar para a efervescência não é o suficiente, é preciso estudar como ela está construindo relações sociais e produzindo categorizações, apropriadas pela sociologia do conhecimento.

Efervescência e pensamento automático

Como já estudamos, a efervescência é um processo que fixa provisoriamente significados a nível social, para os tornar compartilhados pela sua credibilidade junto aos novos contextos. A efervescência, portanto, une símbolos por meio desta “cola” social, tal como faz a religião com relação aos indivíduos entre si (DURKHEIM, 2003). Essa fixação de significados pode ser mais ou menos automática na consciência individual, ou seja, mais ou menos espontânea e imediata. Isso ocorre de acordo com o que o indivíduo considera um bem - algo desejado - ou um dever - algo que se faz por uma obrigação (ROSATI; WEISS, 2015, p. 116). Como veremos adiante, na medida em que é um bem há maior automação no processo e a associação fica espontânea. A seguir, vamos propor, portanto, um enlace possível entre as efervescências e a formação da personalidade.

A psicologia lacaniana (1998, p.53) afirma: *Penso onde não existo e existo onde não penso* “Penso onde não existo e existo onde não penso”. Nesses termos, há símbolos que estão no nível do penso (como os da socialização e que precisam ser aprendidos) e outros que estão no nível do existir (os que já se tornam automáticos). No caso estudado, o rato e o queijo já estão no nível do penso, como demonstra o grande número de mídias, que demonstram a eficácia da efervescência inicial. Assim, a sociedade cria muitos símbolos por meio da efervescência, e quanto mais o indivíduo o encara como bem – (ele deseja que o rato goste de queijo porque isso comprova que ele conhece o mundo em que vive – mais se cria essa imersão, que é a maior aceitação dos valores disponibilizados socialmente. Assim, algumas efervescências criam pensamentos espontâneos:

A TC [Terapia Cognitiva] postula que há pensamentos nas fronteiras da consciência que ocorrem espontânea e rapidamente e são uma interpretação imediata de qualquer situação. São chamados de pensamentos automáticos e são distintos do fluxo normal de pensamentos observado no raciocínio reflexivo ou na livre associação. São geralmente aceitos como plausíveis, e sua acurácia é aceita como verdadeira. A maioria das pessoas não está imediatamente consciente da presença de pensamentos automáticos, a não ser que estejam treinadas para monitorá-los e identificá-los (KNAPP; BECK, 2008, p. S57).

Assim, a efervescência é tão poderosa que torna o pensamento automático, e associa-se A a B de maneira espontânea, como se fosse uma automação.

A relação com o domínio linguístico e" aqui reduzida ao mínimo: podemos dizer que o único conceito de origem linguística é o da biunivocidade da relação significante-significado, o que autoriza notar a presença do mesmo conteúdo de pensamento a cada vez que o mesmo signo aparece. Mas este conceito pertence a um campo teórico pré-saussuriano, já que a linguística atual se baseia em grande parte sobre a ideia de que um termo tem sentido em uma língua porque ele tem vários sentidos, o que significa negar que a relação entre significante e significado seja biunívoca. (GADET; HAKP, 1997, p.64)

Não é à toa que, muitas vezes, as pessoas afirmam que são de “outro tempo”, pois as suas efervescências não são mais amplamente compartilhadas. Assim, as novas efervescências não são automáticas para esses indivíduos de antanho, porém elas não deixam de ser efervescência e possuem, no mínimo, um valor para a História das Ideias.

Metodologicamente, como um sociólogo pode encontrar esses pensamentos espontâneos em pesquisa e que são frutos de efervescência? Na medida em que há essa automação, estabelece-se a associação que pode ser detectada empiricamente pela técnica de livre-associação da psicanálise:

O teste de associações de palavras consiste em o pesquisador ler um quadro com uma centena de palavras e o paciente respondê-las imediatamente, uma a uma, com apenas outra palavra que lhe viesse à mente, o mais breve possível, o que colaborou para o desenvolvimento de sua teoria dos oito tipos psicológicos (TORRES, 2009, p. 59).

É claro que a livre associação é uma técnica psicanalítica voltada para a clínica e para a pesquisa psicológica (CARVALHO, HONDA, 2017), porém não significa que não haja um mecanismo de organização das informações que siga a essa estrutura quando se relaciona a efervescência. Ainda nessa faceta do atendimento, é possível ao analista conhecer os pensamentos que provém de efervescências para promover maior acurácia para as idiosincrasias do paciente, facilitando a separação do que é influência externa e que pode criar conflitos internos.

Nesse sentido, a efervescência se constrói culturalmente. Porém, quando o indivíduo “herda” uma efervescência, como ocorre o processo? Quando ela é entregue já pronta, ocorre um argumento de autoridade, que se constrói por uma efervescência anterior, e que consegue criar uma conexão entre os símbolos. Durante a socialização essas conexões são mais fáceis de se realizarem porque não há outras prévias. Assim, estamos falando de convencimento, que é

a criação do laço entre dois símbolos no sentido de bem, de desejo. As vezes o argumento de autoridade é o que faz uma associação artificialmente automática, que é mais valorativa do que factual. A ideia, portanto, é que o pesquisador produza uma hermenêutica da livre associação, no sentido de detectar os processos de efervescência se alocando nas subjetividades dos indivíduos e produzindo socializações do conhecimento.

Considerações Finais

O artigo tratou das efervescências sociais que conduziram a associação entre duas representações: o rato e o queijo. Após uma análise das suas manifestações, buscamos a efervescência que deu origem a ela, cujo resultado se apresentou no período da Idade Média, com a estocagem. Por fim, tecemos considerações possíveis para pensar a efervescência do ponto de vista social e psicanalítico. Finalizamos o texto com algumas reflexões oportunizadas pela investigação.

O estudo das efervescências é muito interessante para se pensar a constituição histórica de pensamentos socialmente construídos. É claro que não se trata de estabelecer quando se “criou” determinada ideia - talvez isso não seja um assunto tão relevante para se estudar os efeitos das ideias em tela. Ou seja, mais do que elencar primados de atores sociais, a espera de algum grito de *Eureka*, seja mais relevante estudar as ideias por si naquilo que elas conseguem criar de adesão entre os indivíduos.

O rato e o queijo são uma metáfora para a volitilidade humana, a busca da sua aspiração, à semelhança da Baleia Branca de *Moby Dick*. Assim, há uma relação entre indivíduo e objeto e que pauta as relações, porém as posições são intercambiáveis: o rato é o sujeito do queijo, porém é o objeto do gato. Se cogitarmos que o queijo é feito por humanos e que representa os humanos, talvez possamos estar falando na relação entre os dois indivíduos intermediado pelo queijo, feito por intrincadas relações sociais. Enfim, são questões que devem ser discutidas em pesquisas futuras.

Finalizamos que essa escolha de tema pode parecer espúrio ou pueril. Porém não é o assunto em si que é o que importa: no fundo, estamos lidando com a produção de saberes de origem social, e isso inclui uma série de assuntos que são estranhos para a teoria social, e que devem causar um saudável estranhamento para o próprio amadurecimento da teoria. Avançar sobre essas fronteiras do saber é uma das tarefas da ciência.

Referências

BREGALDA, Maíra Meyer. Aspectos da lógica estoica e da lógica em Sêneca. *Nuntius antiquus*, São Paulo, v. 3, p. 106-120, jan, 2009.

CARVALHO, Vitor Orquiza; HONDA, Helio. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. *Analytica: Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 46-56, dez, 2017.

DE PAULA, Junio César Jacinto; DE CARVALHO, Antônio Fernandes; FURTADO, Mauro Mansur. Princípios básicos de fabricação de queijo: do histórico à salga. *Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes*, v. 64, n. 367, p. 19-25, jan, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ícone, 2007.

_____. *Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997.

GONÇALVES, Jéssica Sousa; ALMEIDA, Viviane Sampaio; MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra. O Rato-Livro Ilustrado. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXII. Anais...* Rio de Janeiro, *Prêmio Expocom*, 2015, p.1-10.

KNAPP, Paulo; BECK, Aaron T. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Brazilian Journal of Psychiatry*, Brasília, v. 30, p. s54-s64, jun, 2008.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LOPES, Ricardo Cortez. *Evasão e persistência de alunos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um estudo moral das representações sociais*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, 2019.

_____; DE LIMA MARTINEZ, Lis Yana; DA SILVA, Jonathan Fachini. Esboço sobre a história das representações. In: LOPES, Ricardo Cortez; DE LIMA MARTINEZ, Lis Yana; DA SILVA, Jonathan Fachini. *Estudos empíricos e teóricos sobre representações: Coletivas, cognitivas, sociais e morais*. Paco e Littera, 2022.

MADEIRA, Charles. Introdução ao Pensamento Computacional com Scratch. Congresso sobre Tecnologias na Educação (CTRL+ E-2017), II. *Anais... Cidade Universitária*, 2017. p. 725-730.

MIRSKY, Steve. Nuclear Energy's Future, the Mouse-Cheese Relationship. *Scientific American*, 2006. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/podcast/episode/0006c5c9-03d2-1507-83d283414b7f00ff/>. Acesso em 24/08/2021.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NUTRIÇÃO E SAÚDE. Sete fatos interessantes sobre queijos. *Nutrição Prática e Saudável*, 2019.. Disponível em: <http://www.nutricaoopraticaesaudavel.com.br/nutricao-e-saude/sete-fatos-interessantes-sobre-queijos/>. Acesso em 20/08/2021.

OLIVEIRA, Paula Alexandra; FAUSTINO, Ana Faustino Ana. A história do rato de laboratório: do ódio ao amor. *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces*, São Paulo, v. 20, p. 115-125, jul, 2019.

PAULA, Junio César Jacinto de; DE CARVALHO, Antônio Fernandes; FURTADO, Mauro Mansur. Princípios básicos de fabricação de queijo: do histórico à salga. *Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes*, São Paulo, v. 64, n. 367, p. 19-25, jun, 2009.

PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. São Paulo: UNICAMP, 1995.

PERRY, Lynn K.; LEWIS, Molly L.; LUPYAN, Gary. Shaping semantic networks with transcranial direct current stimulation. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, Nova Iorque, v. 73, n. 11, p. 1891-1907, jan, 2020.

PINHEIRO FILHO, Fernando. A noção de representação em Durkheim. *Lua Nova: revista de cultura e política*, São Paulo, v.1, n.61 p. 139-155, jan, 2004.

RATO. Dicio. *Dicionário Online de Português*, Sem Data. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rato/>. Acesso em 04/04/2023.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. *Estudos semióticos*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 46-53, março, 2010.

RODENT'S RAVANGE. Abandonware. *MyAbandonware*, 2017. <https://myabandonware.com/game/rodent-s-revenge-a17>

ROSATI, Massimo; WEISS, Raquel Andrade. Tradição e autenticidade em um mundo pós-convencional: uma leitura durkheimiana. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, dez, 2015.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 19-33, dez, 1996.

TORRES, Rozalia Brandão. A geografia e a psicologia: aproximações através do uso da associação livre para o estudo das representações sociais. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, v. 34, n. 1, jun, 2009.

VARELA, Juliana. Tom e Jerry é tirado do ar por ser “politicamente incorreto”. *Guia da Semana*, 2013. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/tv-e-famosos/noticia/tom-e-jerry-e-tirado-do-ar-por-ser-politicamente-incorreto>. Acesso em 30/03/2023.

VARES, Sidnei Ferreira de. A sociologia durkheimiana e a tradição conservadora: elementos para uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Ciência Política*, São Paulo, v.1, n.20, p. 79-120, jun, 2016.

Recebido em 09/01/2023
Aprovado em 25/03/2023